

Reavaliando a fraseologia I – a origem das expressões: “torcedor”, “bater papo” e “será o Benedito?”

Jean Lauand¹

Resumo: Partindo do exame de jornais e revistas dos séculos XIX e XX, o presente artigo discute interpretações fraseológicas tradicionais de três expressões muito utilizadas no Brasil: “bater papo”, torcer e “será o Benedito?” Propõe algumas correções às versões usuais. Continua em RIH 37 e Conventit 22 (hottopos.com)

Palavras Chave: fraseologia. falsas etimologias. bate papo. torcer. “será o Benedito?”.

Abstract: Examining newspapers and magazines from 19th century to present this article discusses (and proposes some corrections to) traditional phraseological interpretations of three important Brazilian idioms: “bater papo”, “torcer” and “será o Benedito?”.

Keywords: phraseology. false etymologies. Brazilian idioms.

Etimologias, fraseologia, conjecturas e datações

Na Idade Média as etimologias tiveram extraordinária importância: para além da mera curiosidade, comum a todas as épocas, atinar com o sentido originário da palavra era obter importantes informações sobre a própria realidade, por ela referida. Não por acaso, a primeira enciclopédia da história, muitíssimo utilizada ao longo de toda a Idade Média, foi feita em clave etimológica: vinte livros de *As Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha (c. 560-636), percorrendo as ciências, a Igreja, “o mundo e suas partes” etc. É o pioneiro dos “bancos de dados” e por isso Isidoro foi cogitado como candidato a santo padroeiro da Internet. Em seu afã de obter transparência na linguagem, Isidoro frequentemente oferece etimologias falsas e fantasiosas como por exemplo a de “corpulento” (*corpulentus*) como “corpo lento”, ou a de pedra, lápide (*lapis, lapidis*) como capaz de ferir o pé (*laedere pedem*)!

Se não podemos exigir rigor científico de um Isidoro, em plena “idade das trevas”, tentando salvar algo do tesouro clássico em época de barbárie, a tradição de criar etimologias e fraseologias fantasiosas é muito forte em nossa época de Internet irresponsável. Nesse campo, etimologistas “iluminados” estão cada vez mais ousados e afirmam categoricamente bobagens que acabam contaminando, por vezes, até autores tidos por sérios e trabalhos acadêmicos!

Todo mundo já recebeu e-mails com tolas explicações revolucionárias, como as que “corrigem” provérbios tradicionais como: “Quem tem boca vai a (vaia) Roma”, “Quem não tem cão caça com (como) gato” etc., falsamente atribuídas ao Prof. Pasquale Cipro Neto (que respondeu a “essa sandice” na Folha de São Paulo, 13-5-10: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1305201004.htm). Algumas dessas cretinices foram até parar em livros...

As etimologias e as explicações sobre o sentido originário de expressões populares são um campo particularmente fértil para a antiga advertência italiana “*se non è vero è ben trovato*”. A dificuldade de documentar o significado exato de uma locução, de uma gíria, de uma fórmula feita etc. no momento mesmo em que elas

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

nascerem, convida a um exercício de intuição, que – dada a falta de documentação – pode ser mais ou menos feliz... e em alguns casos, quando falta espírito crítico (e bom senso e humildade), até mesmo desastrosa: a interpretação não é verdadeira e nem mesmo uma boa tirada.

As coisas se complicam, como dizíamos, com a crescente irresponsabilidade propiciada pelo anonimato da Internet: bobagens monumentais são apresentadas e propaladas como certezas etimológicas.

Para ajudar a compreender a audácia de nossos “fraseologistas”, exemplificarei com um jocoso exercício didático. Imaginemos que em 2050 esteja consagrada no português do Brasil a expressão “beijinho no ombro”, significando: superioridade e auto-afirmação de alguém em situações difíceis ou ante pessoas invejosas. Mas em 2050 ninguém mais se lembra que a expressão, em sua origem, esteve ligada a uma canção de 2013 da funkeira Valesca Popozuda (da qual também, em 2050, ninguém terá ouvido falar...). Aí vem um iluminado e elabora a disparatada interpretação:

De onde vem a expressão “beijinho no ombro”? – A expressão é do início do século. Na época, o Brasil vivia um período de prosperidade enquanto a Europa estava em crise, o que atraiu uma nova onda de imigrantes para nosso país, especialmente vindos da Itália. Um desses imigrantes era um técnico italiano chamado Luigi Ombro, que veio tentar a sorte em São Paulo. Embora não tenha dado certo seu projeto profissional, Luigi apaixonou-se por uma cantora negra chamada Tássia Reis, que não correspondia ao amor do italiano. Quando, frustrado, estava de partida de volta para a Itália, Luigi pediu, implorou a Tássia para pelo menos passar uma noite com ele. Tássia **achando** que era demais (afinal ela nunca tinha dado maiores intimidades ao italiano) recusou e para não ficar muito chato decidiu dar-lhe apenas um pequeno beijo na face: e assim **“beijinho no Ombro”** passou a significar indiferença e superioridade. Daí também surgiu a outra expressão de superioridade: **“Tássia achando...”**, que muitos interpretam erradamente como **“Tá se achando”**.

A consulta a jornais e revistas antigos (como o rico Acervo do Estadão e o da Biblioteca Nacional) pode ajudar, e muito, a evitar escorregar em “intuições” sem fundamento real. Neste artigo, procuraremos esclarecer documentadamente o sentido e as datações de algumas expressões; por vezes conjecturando, mas sem as certezas dos iluminados...

Este artigo analisa três expressões; duas delas reinam absolutas no português do Brasil: torcer (e as associadas: torcida e torcedor) e “bate papo” (origem de diversas outras: papo, papo cabeça, papo furado, etc.); e a muito conhecida e usada: “Será o Benedito?”.

Torcer, torcedores, torcida

Uma das histórias unanimemente aceitas – mas, como veremos, incorreta – sobre origem de expressões é a respeito das palavras: torcer, torcedor e torcida. Um resumo dessa versão – na qual eu mesmo, com as devidas reservas, aceitei no passado – nos vem da mão do grande jornalista Juca Kfoury:

Na origem, quando o futebol era da elite brasileira, a torcedora surgiu antes do torcedor, porque eram as mulheres que tiravam suas luvas e as torciam de nervosas, para não roer as unhas. Quando não eram as luvas, eram os lenços, muitas vezes fornecidos pelos cavalheiros que as acompanhavam aos estádios. Teria sido o escritor e poeta Coelho Neto, pai de dois jogadores do Fluminense – um deles, Preguinho, o autor do primeiro gol brasileiro numa Copa do Mundo, em 1930 – , quem primeiro usou o termo para descrever a aflição de torcedoras. (Folha de São Paulo, 9-2-2014 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/151458-torcedor.shtml>)

Sem as cautelas acadêmicas, o site do Fluminense apresenta a história como absoluta:

Como surgiu o termo “torcida”?

Pois foi esse importante personagem [Coelho Netto], o responsável pela criação do termo “torcida”, que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Netto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor [?]. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de “torcedoras”. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística. Em seguida, ganhou similar masculino. (...). Como disse o grande músico erudito brasileiro Arthur Moreira Lima “Assim como o primeiro homem era Adão, o primeiro torcedor era Fluminense”. (www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/outros-simbolos/)

O futebol chegou ao Brasil em 1895, o Fluminense foi fundado em 1902 e só em 1919 foi inaugurado seu estádio (o primeiro do Brasil) e a tal crônica de Coelho Netto seria de, suponhamos, em torno de 1915 (apesar de serem inúmeros os sites que a mencionam, nunca a vi citada literalmente, nem a indicação precisa de em qual jornal teria sido publicada!).

O fato é que muito antes disso a imprensa já registra o uso de “torcer” (e até “torcedor”) no sentido que lhe damos hoje: querer vivamente ou manifestar predileção e desejar a vitória por um cavalo na corrida etc.

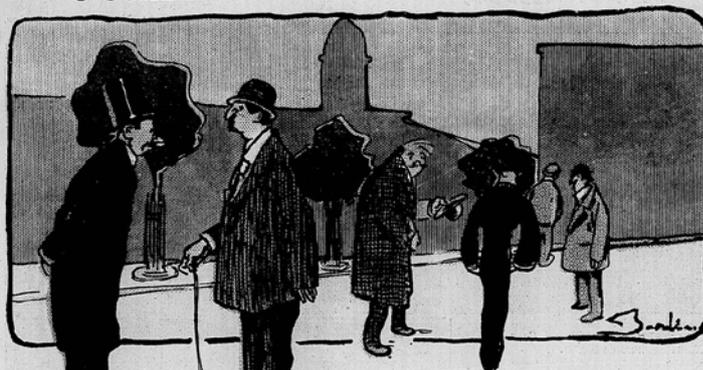
Assim, o “Jornal do Brasil”, de 25-02-1905, ao contar a história de um Feitosa, que secretamente, querendo economizar na passagem, tenta convencer as filhas de que é melhor a família ir ao teatro de bonde e não de trem, alegando que o bonde é mais fresco, que o bonde “vae num instante” etc., o autor conclui:

(E o Feitosa) fica torcendo para que o *bond* a vir seja um 2^a. classe, que então o negócio fica em 200 réis por pessoa.

Em “O Malho”, de 2 de julho de 1904, lemos que a concorrência “está torcendo” para que se interrompam as obras do “Theatro São Paulo”.

Em 1910, no clima de pânico pela passagem do cometa Halley (que, segundo o boato, iria envenenar todo o planeta), a página de humor (“- Estou torcendo para que todos desappareçam e fique só eu para negociar. – Com quem?...):

O COMETA



— E o cometa Haley, meu caro ?
 — Estou torcendo para que todos desapareçam e fi-
 que eu só para negociar...
 — Com quem ? !
 — Isto não se pergunta...

Seja como for, é inegável o destacado prestígio do Fluminense (e de suas aristocratas torcedoras) na época e que “torcer” já era amplamente aplicado aos times de futebol. Assim, “O Paiz”, de 27-06-1907, comentando um jogo do Internacional de Santos na coluna de “Foot Ball”, fala de “lances comoventes, surpresas emocionantes, passagens abruptas e violentas tão gratas aos ‘torcedores’”.

Uma página da revista “Caretta”, de 4-11-1916, é dedicada às torcedoras do Fluminense, fanáticas:



Apreciando o jogo



Torcedoras

Uma entrevista

São sete horas da noite. Pela rua da Guanabara, conversando sobre os desportos que avassallam o Rio de Janeiro, passam o auctor destas linhas e um dos mais alentados remadores cariocas.

No portão do *Fluminense Foot-ball Club*, grupadas num bando elegante, formosas senhoritas, falando e sorrindo, atraem a attenção dos transeuntes.

Disse o remador :

— Para que vejas como o *sport* domina o coração das bellezas cariocas, vou fazer, para ti, uma rápida entrevista com a mais intelligente destas moças.

Approximamo-n'os. Depois das apresentações, solennes como quem veste sobrecasaca para ver o

dr. Wencesláo Braz, fizemos o interrogatorio immediato, obtendo as respostas seguintes :

— Qual é, senhorita, o traço principal do seu character ?

— Ser grande torcedora do Fluminense.

— E a sua paixão dominante ?

— O *foot-ball*.

— Que predicados prefere no homem ?

— Os esportivos.

— E na mulher ?

— A paixão pelo seu Club.

— A sua principal qualidade ?

— Ser partidaria.

— Seu principal defeito ?

— Ser adversaria do *team* contrario ao do meu Club.

E outra, de “Careta”, 18-5-1918



Mas, como dizíamos, o uso de “torcer” é muito mais antigo e mesmo anterior ao futebol no Brasil.

Na seção “Factos e Boatos” de “O Carbonário” de 3-9-1888, lê-se que determinada atriz está de viagem para Paris e quer levar seu “typographo mascate” (?) para exibi-lo por lá, “o typo porém está torcendo para não ir junto (...)”.

E em “O Paiz” (“a folha de maior tiragem e de maior circulação na America do Sul”), de 9 de junho de 1894, encontramos uma preciosidade: um artigo completo, assinado por J. Guerra (pseudônimo de Urbano Duarte de Oliveira, membro fundador da ABL) na seção “Humorismos”, sobre o torcer e o torcedor, de genial sagacidade.

HUMORISMOS.

Estou torcendo! É locução pittoresca, inventada pelo Manoel Joguinho e hoje generalizada (...).

Um amador de corridas *torce* para o seu cavallo vencer, embora elle venha em 4º. ou 5º. lugar. O frequentador de frontões *torce* afim de que o pelotar em que apostou ganhe a quiniela. O comprador de bilhetes da loteria *torce* para que a machina Fichet componha o seu numero.

A moça solteira *torce, torce*, até que certo rapaz louro a namore.

No bond, aquele sujeito que senta no ultimo banco *torce, torce*, até que a bella visinha da frente lhe lance uma olhadela...

Todos vivemos sempre a *torcer*, no intuito de conseguirmos qualquer coisa.

E a graça é que às vezes essas *torcidelas*, desprendendo certo fluido magnetico misterioso, atraem a sorte propicia e debellam o azar.

Conheço um *sportsman* que obtem constantemente lucro em corridas. Perguntei-lhe qual o segredo da sua felicidade.

Redarguiu-me convictamente: – Torcendo!

Effectivamente! Já tem a cara torcida, o corpo enviezado, os olhos vesgos, de tanto *torcer*. Não é um homem e sim uma torcida. Mas ganha dinheiro, garanto-lhes!

Tentando imital-o representei triste figura, sem colher resultado algum. O animal em que apostei saiu e chegou em ultimo logar, apesar das gatimanhas que fiz. Gemia, espremia, rosnava, retorcia-me, tocava realejo, puchava corda, fechava um olho, zarolhava o outro – nada! O burro sempre firme na bagagem.

Queixei-me ao *torcedor*.

– Ora! – exclamma elle. Você não sabe *torcer*!... Pensa que isto é escrevinhar em jornal. Coisa muito séria!

– Ah! Nesse caso peço-lhe que me ensine...

– Questão de fé... e fé não se ensina. É preciso saber *torcer* por dentro...

– Por dentro ?!

– Sim! Por dentro! Nas entranhas, nas dobradinhas!

– Vou experimentar!

No pareo seguinte *torci por dentro*, e o meu cavallo ganhou, depois de passar pelos quatro da frente!

Palavra de honra!

Estou agora *torcendo* para que o amigo F. A. me faça presente de um dicionario Larousse.

Se se realizar a coisa, passo a escrever um tratado sobre a nova sciencia occulta da *Torcida*, mais importante e proveitosa do que o hypnotismo.

[o autor muda de assunto e passa a falar dos milionários americanos]
Todos nós os furrécas da vida temos inveja dos sujeitos opulentos (...)

Note-se que não há referência a (torcer) luvas ou bigodes etc., mas sendo locução de evidência visível (“pittoresca”), refere-se a um extremo de fé, que leva a **torcer a si mesmo** (não só cara, corpo, olhos, mas torcer por dentro e até as entranhas). Penetrando agudamente no sentir do povo e das torcidas, confere uma eficácia mágica ao torcer: atrair a sorte para si e “zicar” o adversário.

Note-se também que Guerra, já falando de outro assunto em sua coluna, emprega a expressão, aparentemente tão própria de nosso tempo, “da vida” (tipo do vulgar, como muitos que circulam por aí e se encontram com facilidade– “Vendi minha moto porque não aguentava mais os invejosos da vida”, “o povo continua a eleger os Malufs da vida”): “nós, os furrecas [reles, insignificantes] da vida”.

Bater Papo

“*Hasta ahí llego yo*”, diz o espanhol quando alguém se detém em explicações sobre o óbvio ao mesmo tempo que se omite sobre a verdadeira dificuldade de uma questão. Animei-me a enfrentar o desafio deste tópico, ao ver um conhecido autor não apresentar nada de significativo etimologicamente no verbete “Bate-Papo” de seu

livro², limitando-se a dizer que bater papo é bater + papo: “expressão formada a partir de bater, derivado do latim *battere*, e papar³, *pappare*. Designa conversa informal, despreziosa, em geral entre amigos”. *Hasta ahí llego yo*.

Em seu sentido primitivo, “bater papo” não é conversar. A expressão em seu uso antigo, na imprensa do século XIX – e depois ainda por muito tempo – serve para designar que tal situação me afetou, mexe comigo, não me deixa indiferente e me convoca a uma ação ou reação (talvez agressivas).

Assim, no “Diário de Pernambuco” de 31-12-1880, lemos: “metti-me em camisa de onze varas [em sérios apuros] mas nem por isso **me bate o papo**”

E “O Carapuceiro”, periódico pernambucano, em sua edição de 7 de maio de 1832, fala do farisaísmo de pessoas falsamente religiosas, como a daquele homem que ostenta devoção mas em sua hipocrisia é capaz de matar ou mandar matar e “nem **lhe bate o papo**”: não se abala e nem se altera minimamente ao praticar esse ato horrendo.

É importante notar o uso pronominal, na época, da expressão: me bate, lhe bate... o papo. Ou na forma do possessivo, como no “Diário da Manhã” de Vitória (2-7-1909): “(vamos para outro assumpto) que hoje **bate o papo meu**”.

Cem anos depois do “Carapuceiro”, em sua edição de 20-5-1936, o “Correio Paulistano” ainda emprega a expressão no sentido de reação veemente, no caso agressiva e verbal. O povo já não se deixa enganar e ante a tentativa de engodo dos políticos: “o povo olha pra ela com um arzinho de xuxu amorfo, pisca o esquerdo em fá sustenido e **bate o papo**: ‘Ora vá *&%@’”.

Mesmo em 1945, ainda é empregada nesse sentido. O povo reage e se entrega ao falatório. Finda a guerra, havia grande movimento no Recife para dar o nome de uma avenida em homenagem ao presidente Roosevelt, mas o prefeito Etelvino Martins, articulado com o governador Agamenon Magalhães, o “China”, fica enrolando, por razões ideológicas. O “Jornal Pequeno” de 15-8-1945, publica os versinhos satíricos:

“Por que não dar à avenida / O nome do Presidente?”
Pergunta surpreendida / e intrigada tôda gente
O Prefeito engole o sapo / Mas por que não deu não diz
E o Zé Povo **bate o papo**: / “Foi o China que não quiz...”

Na primeira metade do século XX, é frequente essa variante de sentido, também diferente do nosso atual descontraído bate papo: a de ser convocado à ação específica de falar mal (ou até mais...), discutir, bater boca. “A Notícia” de Joinville (8-1-1939) referindo-se a uma pesada discussão entre dois torcedores em estádio de futebol, diz: “**Bate papo forte**”.

Também nesse sentido de reação agressiva, “O Combate”, jornal do Maranhão, em sua edição de 3-7-1948 relata: “(vimos) num **bate papo** estonteante o sr. Ministro da Fazenda engalfinhado com o sr. Ademar de Barros numa luta corporal que tem deixado a opinião pública de boca aberta”.

Ainda no sentido de falar mal dos outros, no carnaval de 1933 em Vitória, o estribilho do “Bloco Bate-Papo” era:

² Deonísio da Silva, em seu livro “De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa” 17. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

³ Melhor seria papear.

Bate-Papo!, Bate-Papo!
Meu povo saia da frente!
Nós temos língua de trapo
Falamos de toda gente...”
(Diário da Manhã, 8-2-1933).

Para a formação dos sentidos de falar (maledicente ou de conversa informal) de “bater papo” pode ter contribuído o antigo verbo “papear”. Desde meados do século XX, papear é usado praticamente só como sinônimo do nosso bater papo. Mas seu sentido original é: “emitir sons melódiosos (as aves); gorjear, chilrear” (Houaiss, 3.) e, como encontramos no *Diccionario de la Real Academia Española*: “Balbucir, tartamudear, hablar sin sentido”. O mesmo DRAE indica que se trata de palavra onomatopáica: o “papapá papapá papapá...” das aves, bebês etc., sem relação com o papo, dilatação do esôfago. É claro que papear se presta a metáforas como “falar muito, tagarelar” (Houaiss, 2.) e “hablar sin sentido” (DRAE).

Assim, um artigo de 23-3-1839 de “O Carapuceiro”, falando da novidade de moças que se graduam “nas Sciencias Juridicas e Sociaes” etc., lamenta a sorte dos maridos de mulher “que em vez de cuidar no arranjo da casa, em coser, remendar etc. etc., desbarata o precioso tempo em papear sobre assumptos políticos”. E a “Gazeta dos Tribunaes”, de 1-8-1845, fala do saber de certo parlamentar, que não é estéril e “sua eloquência não é o papear dos insensatos”.

“Papear”, tal como “bater papo” (e junto com ele) teria se despojado dos sentidos agressivos e se consolidado como a conversa informal e descontraída.

A coexistência dos três sentidos (impulsionar a agir, falar mal ou bate boca, e conversa descontraída) convivem na primeira metade do século XX, com crescente predominância do sentido, tão simpático, que hoje tem a expressão. Em 1946 (29-8), ainda encontramos um dos últimos usos em sentidos vigentes no passado: o “Jornal Pequeno” (“o grande jornal do Nordeste”) publica uma crônica na qual o autor se queixa do transporte para sua casa, ainda no primitivo sentido do século XIX: o bonde não funciona, a lotação é cara etc. e “ônibus não **me bate o papo**” (não me motiva, não me interessa). E no mesmo ano de 1946, na famosa revista “O Cruzeiro” (28-12-1946) Raquel de Queiroz vale-se de adjetivação para comentar com o primo saudosista “como é bom um bate papo **inocente** [e não de arranca rabo] na farmácia ou no botequim”.

Mas já antes encontramos o sentido atual, plenamente vigente. Um exemplo entre inúmeros: “O Imparcial”, do Rio de Janeiro, de 4-8-1935, informa que a reunião da diretoria dos escoteiros terminou “com o costumeiro **bate papo** na leiteria do Largo do Machado” (pode haver algo mais inofensivo do que reunião de escoteiros para tomar leite?).

Mas por que, afinal, se diz “bater o papo”? A pista decisiva para a resposta está nos versos de Silva Andrade, famoso poeta paraibano, em seu clássico livro “Brasil Caboclo”, recolhidos em 1937 na revista “Fon Fon”:

Quando meus óio ti vê
meu coração dá supapo
começa logo a batê
cumo o sapo bate o papo

E é que a origem da expressão se torna ininteligível se tomamos “bater” no sentido de aplicar pancadas, sorrir. Mas, claramente (em seu sentido originário) trata-se de bater, entendido como pulsar, palpitar, como na imortal “Carinhoso” de Pixinguinha: “Meu coração, não sei porque, bate feliz quando te vê”.

Tal como no sapo, os veementes desejos e as atrações se manifestam no bater do papo (expressos de vigoroso modo sonoro por seu saco vocal, o papo): “meu coração começa a batê como o sapo bate o papo”. Depois passou a significar também falar mal, para, finalmente, consolidar-se somente como falar em conversa informal e despretensiosa.

Será o Benedito?

Também sobre essa expressão circulam versões incorretas. Tomemos as versões dos sites: noticias.terra.com.br e guiadoestudante.abril.com.br

Será o Benedito?

Para mostrar espanto diante de uma situação inesperada e muito pouco provável, costumamos recorrer ao tal Benedito. A mais provável origem dessa curiosa expressão é digna de um típico “causo” mineiro e estaria ligada ao ex-governador do estado, Benedito Valadares. Que mais tarde viraria nome de cidade.

Após a Revolução de 1930, Getúlio Vargas assumiu o governo provisório do país. Com a suspensão da Constituição de 1891 e Congresso Nacional e assembleias estaduais fechadas, gozava de plenos poderes. Entre eles, a indicação dos interventores estaduais.

Com a morte de Olegário Maciel, em setembro de 1933, Vargas precisava definir o novo interventor de Minas Gerais. “Havia, entre seus aliados, dois homens fortes que pressionavam por suas indicações”, afirma o professor de história do Brasil da Universidade Federal Fluminense, Jorge Ferreira. “Um era o ministro da Fazenda Osvaldo Aranha, que indicava Virgílio Melo Franco, que ainda tinha o apoio do pai, Afrânio de Melo Franco, ministro das Relações Exteriores. O outro era Flores da Cunha, interventor do Rio Grande do Sul, que apoiava Gustavo Capanema.”

Assim, previa-se que um dos dois fosse indicado. Mas, para a surpresa de todos, Vargas escolheu Benedito Valadares, político mineiro de pouco destaque que havia apoiado sua candidatura em 1930. Ferreira conta que a surpresa teria sido tão grande que a própria mãe de Valadares teria exclamado: “Será o Benedito?”. Assim, a expressão teria caído no gosto do povo e no folclore político.

<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/sera-benedito-433540.shtml>

Muito semelhante é a explicação do Terra⁴.

⁴ “É só fazer uma travessura e lá vem a vó com aquela cara que mistura decepção e impaciência: “mas será o Benedito?” Como muita coisa na língua portuguesa, a origem dessa expressão tem inúmeras versões, todas de difícil comprovação em registros formais - jornais da época, livros ou outras formas de comunicação escrita -, explica o professor de português Ari Riboldi, autor de três livros sobre a origem das palavras e expressões. A versão mais aceita é a de que a pergunta teria surgido na década de 1930, em Minas Gerais. O então presidente Getúlio Vargas demorava muito para nomear um interventor para aquele Estado. Naturalmente, a demora gerou inquietação entre os inimigos políticos de um dos candidatos ao posto, cujo nome era Benedito Valadares, que perguntavam “Será o Benedito?”. (...)”.

Ora, a (inesperada) nomeação de Benedito Valadares por Vargas deu-se em dezembro de 1933. Acontece que muito antes disso a expressão já andava na boca do povo. No final de 1931, evidentemente sem relação alguma com Valadares, já tocava nas rádios a marchinha de carnaval “Será o Benedito?”:

Benedicto, Bendicto
você tem peso, tem azar na vida
Benedicto, Bendicto
A culpa toda é da Margarida
A Margarida é matriculada [tem prática, é matreira]
e fez macumba pra você casar
E neste andar o seu fim será
vender pipoca e amendoim torrado
Depois quando passares pela rua
Gritando: pipoca
E amendoim torrado
Todas as meninas vão perguntar:
Será o Benedito?
(“A Gazeta”, São Paulo, 22-1-1932)

Com o sucesso da marchinha, imediatamente já o povo começa a se perguntar: “será o Benedito?”. Por exemplo em março de 1933, em título de notícia que falava da compra de “cracks” do Botafogo pelo Fluminense, entre eles um chamado Benedito (Diário da Tarde, 9-3-1933).

Uma observação final, a título de conjectura: por que foi escolhido o Benedito para a marchinha e para a expressão e não, digamos, um Sebastião ou Manuel? Talvez porque Benedito combina com “bendito”, o anônimo desconhecido que apronta alguma e sobre o qual se indaga: “Quem será o bendito...?” “Quem será o bendito que anda jogando bitucas acesas pela janela de seu apartamento?” ou “Quem será o bendito que todo dia pega duas bolachas do pacote que deixei aqui na copa da escola?”.

Quem será o bendito? Tinha que ser o Benedito!

Recebido para publicação em 01-02-16; aceito em 28-02-16